



Flávio Paiva  
Escritor

// Flávio Sílvio Paiva Cavalcante

# Do jagunço ao poeta, a dualidade de um homem que, dentre tantos, escolheu ser um só: o humano

Nas páginas da vida ele aprendeu a escrever a infância, a musicalizar o sertão e a eternizar o que existe de mais humano dentro de si: da simplicidade do pequeno pastor de ovelhas em Independência, interior do Ceará, ao notório escritor, Flávio Sílvio Paiva Cavalcante é também a manifestação viva do que se pode chamar de humildade.

O abraço apertado em um desconhecido pode soar estranho para um mundo acostumado com a frieza de um simples aperto de mãos. Mas, mais do que uma demonstração de carinho, é, sobretudo, uma prova de respeito ao próximo. Para aqueles que, assim como Flávio, aprenderam a domar o "jagunço" que cada um carrega dentro de si, cultivar a gentileza não é só um ato de rebeldia nas trincheiras da guerra cotidiana contra a ignorância humana, é principalmente um feito de amor e de esperança.

Esperança na humanidade, no que ela tem de melhor, nas crianças. Como a flor de um mandacaru que nasce na noite para morrer durante o dia, a esperança de Flávio é o que o move, renascendo cotidianamente. O homem do sertão, o jagunço, exilou-se na selva de pedra que é a cidade grande, fez história, mas não esqueceu de onde veio, nem poderia. Flávio traz consigo o que o sertão nordestino tem de mais singelo e bruto, árido e fecundo, seco e abundante, típico de quem vem de uma terra marcada pelos contrastes, típico de qualquer ser minimamente humano.

Mas ele escolheu ser máximo em tudo que faz, em tudo que é. O mais humano possível, nos erros e nos acertos, porque sabe que a vida é uma escolha e quem aceita o desafio de vivê-la não pode fraquejar, ainda

que as lágrimas desçam pelo rosto quando percebe quão mesquinhos nos tornamos ao tratarmos uma pessoa, uma criança, não pelo que ela é, mas pelo que tem.

Demasiadamente humano, visceralmente gente, o homem capaz de se emocionar falando das belezas do sertão é o mesmo que aprendeu a defender, com unhas e dentes, a crença na cultura, naquilo que nos diferencia de qualquer outra espécie. Flávio é um saci, defensor do que mais é típico em nossa brasilidade, e só quem consegue tirar melodia de uma máquina de datilografia o poderia ser.

O mesmo homem que se encanta ao falar da surpresa de abrir uma máquina de escrever, e vê a disposição das letras em forma de plateia em uma caixa acústica, é também o garoto que conseguia observar as estrelas nos céus de Independência, ainda que fosse dia. Excentricidades de um artista? Não, talvez apenas a sensibilidade de quem consegue enxergar beleza nas pequenas e mais improváveis coisas.

O músico, o poeta, o jornalista, o escritor, todos são apenas amostras de uma figura muito mais complexa e dinâmica do que as meras regras do profissionalismo da vida moderna podem entender. Há coisas que nem mesmo a métrica da vida é capaz de medir. Flávio não é aquilo que faz, ele é, sobretudo, tudo que sente.

Um homem feito de sentimento, cujo corpo, de carne e osso, não sendo capaz de expressar tudo que tem dentro de si, escolheu a melodia do mundo, as páginas da vida, para transmitir toda a complexidade, a teimosia, a delicadeza, a humanidade de quem nasceu para brilhar noite e dia, como as estrelas do céu de Independência.

## Ficha Técnica

**Equipe de Produção:**  
Paulo Jefferson Barreto  
Raíssa Veloso

**Entrevistadores:**  
Andressa Souza  
Analu Moraes  
Bárbara Rocha  
Camila Aguiar  
Jéssica Maria Viana  
Joyce Lopes  
Luana Barros  
Paulo Jefferson Barreto  
Raíssa Veloso  
Roberta Souza  
William Santos

**Fotografia:**  
Thamires Oliveira

**Texto de Abertura:**  
Paulo Jefferson Barreto



Entrevista com Flávio Paiva realizada no dia 31 de outubro de 2013.

**Raíssa** – Seu envolvimento em ações culturais e em ações da área da comunicação se inicia no fim da década de 1970 aqui em Fortaleza. E sua produção é muito voltada para o alternativo. Você aceitou trabalhar no jornal *O Povo*, foi repórter e foi editor do Segundo Caderno (*hoje caderno Vida & Arte*). O que das suas experiências em produções alternativas você levou para trabalhar na redação de um jornal convencional?

**Flávio** – Essa data de 1979, que eu coloco como tendo começado, foi o momento em que a gente criou um coletivo, chamado de Cooperativa de Escritores e Poetas, que era liderado pelo Farias Frazão (*poeta anarquista, falecido em 1982*). Estava com três anos que eu morava em Fortaleza e foi o primeiro momento em que eu me senti realmente apropriado das linguagens urbanas, de está com pessoas que pensavam a cidade, que pensavam viver diferente. A minha formação foi toda em cima de produção alternativa. Aliás, foi não, é. Continua sendo. No fundo, no fundo, continua sendo. Porque, antes, morando no interior, eu fiz um jornal chamado *Fuzuê*... Essa coisa (*de produção alternativa*) sempre esteve muito presente dentro de mim como uma forma de me relacionar com o local onde eu estiver. Não interessa se é Fortaleza, se é Independência, onde que é esse local...

Na realidade, eu nunca imaginei trabalhar em um jornal convencional. Não me preparei para isso, não me organizei para isso. Antes da faculdade, a gente fazia um jornal alternativo da Cooperativa. Fizemos alguns folhetos, algumas produções e, depois, já no curso de Comunicação (*Social, da Universidade Federal do Ceará*), nós criamos – Falcão (*Marcondes Falcão Maia, cantor e humorista cearense, aluno do curso de Arquitetura à época mencionada*) e eu – o *Um jornal sem regras*, que, na realidade, era uma revista alternativa que funcionava dentro, ou com o apoio, do curso de Comunicação e, uma parte, da própria universidade, já que a gente imprimia esse jornal na Imprensa Universitária. E, por conta desse jornal, eu fui convidado pelo administrador-estadual da CNEC (*Campanha Nacional de Escolas da Comunidade*). (*Ele*) Pediu para que as pessoas me encontrassem, que gostaria que eu fosse fazer uma revista *pra* lá. E eu fui, ainda era estudante de Comunicação.

Paralelo a isso, no curso de Comunicação, o professor Jesuíno (*Geraldo Jesuíno da Costa, professor aposentado do curso de Comunicação Social da UFC*) criou a Oficina de Quadrinhos e Cartuns. E eu tenho a honra de ser um dos primeiros, um dos fundadores dessa oficina, também junto com o Falcão – mais uma vez –, com (*os então estudantes*) Aluísio Gurgel, Jane Malaquias... Uma turma boa! E a gente começou a ter a ideia de fazer outros jornais. Nós criamos, por exemplo, a *Folha Higiénica*. A *Folha Higiénica* foi um jornal que nós chegamos a montar três (*edições*), não circulou nenhuma, que era só de quadrinhos.

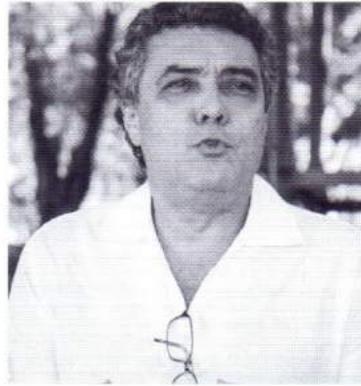
Nesse momento em que eu estava na CNEC fazendo a revista, um dia saiu uma matéria com o texto meu sobre a questão da cultura popular, das festas juninas e o jornal *O Povo* viu e me chamou: “Olha, a gente gostaria que você viesse trabalhar no *Segundo Caderno*”. Mas eu não tinha a menor noção do que era trabalhar em um jornal, eu não conhecia ninguém desse universo. Aí eu falei para o administrador (*da CNEC*): “Olha, me chamaram lá *pra* trabalhar no jornal *O Povo*, mas eu acho que não dou para esse negócio, eu não sei se vou saber fazer...”. E ele disse: “Não, vai lá, passa uma semana. Se rolar eu só quero que você consiga uma pessoa para ficar no seu lugar. E, se não rolar, você volta e está tudo em cima” – ele foi muito bacana. Então, eu fui. Puxa, na primeira semana eu amei logo. Comecei a fazer matéria, foi um negócio maravilhoso...

Todo esse aprendizado (*com a produção alternativa*) eu levei para dentro do jornal. Quer dizer, eu fui continuando as coisas. Eu propus lá no jornal (*O Povo*) criar uma coluna que se chamava *Apóstrofo*. Essa coluna circulava todo domingo – na realidade, eu brincava, eu dizia que era uma viga, porque ela era o rodapé do *Segundo Caderno*. Eu tinha esses contatos (*Flávio explica que tinha cerca de três mil contatos reunidos desde à época do Um Jornal Sem Regras*) e as pessoas me mandavam muitas coisas, porque a intenção da coluna era criar exatamente um fluxo entre a produção alternativa brasileira e internacional. Então, dentro do jornal *O Povo*, na *Coluna Apóstrofo* tinha o que se produzia alternativamente local, tinha algumas críticas à produção cultural normal da cidade...

Flávio Paiva é jornalista, escritor, músico e compositor cearense. Nasceu em 1959, na cidade de Independência, interior do Ceará, e chegou à Fortaleza em 1976.

Além da graduação em Comunicação Social e da especialização em Gestão da Comunicação nas Organizações pela Universidade Federal do Ceará, Flávio cursou também Turismo na antiga Escola Técnica.

Assim que o nome de Flávio foi aprovado pela turma, a equipe de produção, Paulo Jefferson e Raíssa Veloso, entrou em contato com ele, que aceitou o convite de imediato.



Eu costumo dizer que, naquele momento ali, eu inventei o *link* (*risos*). O *link* não foi inventado nesse momento agora internético, não... O *link* é a possibilidade que você dá de um chegar ao outro sem precisar passar por você. Se vocês forem lá no arquivo do jornal *O Povo* e pegarem a coluna (*Apóstrofo*), vão ver que tudo que eu dava sobre um livro, sobre um movimento, sobre uma ação, sobre alguém, eu colocava como você achava a pessoa e dali você já se *linkava* e já se conectava. Eu não tive muita dificuldade, apesar de no início ter tido um grande preconceito com a imprensa convencional, mas o que eu descobri, quando eu fui trabalhar no jornal *O Povo*, foi que a gente pode ser o que a gente é em qualquer lugar que a gente trabalhe.

No jornal *O Povo*, no primeiro momento em que eu cheguei, cheguei muito perplexo por trabalhar no jornal e uma das primeiras matérias que eu fui fazer foi sobre... Essas matérias que, quando você chega no jornal, os caras mandam você fazer. Assim, tipo (*a pauta*) "a decoração de Natal da cidade". E eu fui. E um dos principais anunciantes do jornal naquela época era o Romcy, que era uma loja de departamento muito grande que tinha aqui e eu não gostei nada daquilo (*em relação à decoração de Natal*). Eu cheguei quase (*com*) um pânico. Porque eu disse: "Como é que eu vou escrever a matéria dentro do que eu vi, o que é *pra* eu dizer, se eles são os principais acionistas do jornal?" (*Flávio confunde-se, refere-se a anunciantes*). É uma que eu devo também ao Eliézer Rodrigues (*jornalista cearense, ex-editor do Jornal O Povo*), que na época era editor do *Segundo Caderno*, eu fui falar com ele. Eu disse: "Eliézer, é o seguinte: eu achei que aquele negócio *tá* muito *kistch*, muito isso, muito aquilo... (*Flávio dá a entender que não havia gostado da decoração*). E eu não quero escrever isso, não estou me sentindo muito confortável, porque eu *tô* nesse conflito". Ele disse: "*Pra* que você acha que existe editor?" Eu parei assim... Ele disse: "Cara, faz a porcaria da tua matéria do jeito que tu acha que foi. Se tiver algum problema ou se for *pra* negociar alguma coisa, o editor é quem faz isso". Então, deu aquela aliviada

como repórter, *né*? Eu, como repórter, tenho de ir lá e fazer valendo, depois a turma lá (*editores*) vai se virar. Ainda hoje eu faço isso, esse aprendizado eu carrego comigo.

Quando eu escrevo a minha coluna, eu não estou pensando o que é que o jornal vai dizer, não estou pensando nada. Eu escrevo. Com toda energia, com toda emoção, que eu gosto de me emocionar com as coisas que eu faço. Se o editor não publicar, vai ser problema dele, do jornal, mas eu escrevo com o que eu acredito. São aprendizados. Tentando chegar a um ponto da pergunta que você fez, a ida para a imprensa convencional – tanto no *O Povo* quanto no *Diário do Nordeste* – para mim foram oportunidades de chegar a públicos diferentes com o que eu acredito. Quando eu fui convidado para ir para o *Diário do Nordeste* (*Flávio colaborou com este jornal entre março de 2005 e julho de 2013*), eu fiquei numa dúvida enorme, porque eu me achava tão diferente do que o jornal fazia, mas naquele momento havia uma recomendação da Associação Nacional de Jornais (*associação das empresas jornalísticas*), que os jornais tinham de convidar pessoas da sociedade para expor um pensamento que não fosse necessariamente atrelado à linha editorial para poder sobreviver, para imprensa poder sobreviver. E o jornal (*Diário do Nordeste*) estava fazendo isso e estava discutindo isso. Fui convidado nessa condição. Eu disse: "*Tá* valendo, *tá* valendo". Para mim foi maravilhoso eu começar a circular em outros locais, ter outros tipos de leitores. Você chegar e o porteiro do prédio tinha lido o artigo, chegava lá no interior onde eu nasci e todo mundo lia – porque os outros jornais não chegavam... Tudo tem uma compensação. Eu acho que, se a gente vai com esse propósito, tem uma compensação.

**Luana** – Flávio, você fez uma matéria no jornal *O Povo* chamada *Retirantes na Apartação*. Você acompanhou com eles (*os retirantes*) todo o trajeto daqui até a cidade de Diadema, no interior de São Paulo. Por que você fez a opção de acompanhar e realmente viver tudo aquilo que eles

Com 35 anos de produção e atuação nas áreas de jornalismo alternativo, cultura e cidadania, a equipe de produção decidiu por aprofundar a entrevista no que Flávio considera "vida comunitária".

estavam vivendo? Vem dessa emoção, de querer sentir para colocar no texto?

**Flávio** – Aí vem a coisa (*que a*) construção da gente é um todo. Tudo que eu sou é o que eu fui. Não tem saudosismo nem (*desejo de*) voltar ao passado. O passado está comigo, está aqui. Quando eu era criança, eu vi os caminhões saindo. Eu nasci no sertão e vi as pessoas indo embora. Uma das curiosidades que eu trouxe desde a minha infância era (*saber*) para onde as pessoas iam. Claro, os que voltavam contavam mil histórias... Mas uma coisa é... (*Flávio questiona-se*) “Puxa, mas onde é mesmo?” No dia em que eu tive a oportunidade, eu quis acompanhar valendo, uma família valendo...

Fiz um pacto. Essa família era do interior de Boa Viagem (*cidade do interior do Ceará, localizada a 217 km de Fortaleza*) e eu fui lá. Primeiro, eu fui na agência do ônibus para saber se tinha alguma família indo (*embora*), quando era que tinha... Disseram: “Olha, na localidade tal tem uma família de nove pessoas que vai se deslocar para São Paulo, já está com as passagens compradas”. Eu disse: “Pois eu quero uma passagem também”. Era eu e o fotógrafo André Vidal, meu amigo. Comprei as duas passagens, fui lá e expliquei

a última linha, e nós fomos até Jabaquara. E depois pegamos um ônibus até Diadema. Quando a gente desceu em Diadema... O local que eles moravam se chamava Jardim Canhema, que é um ambiente de profunda violência. E o André, com todo equipamento fotográfico. O (*homem*) que estava lá e foi recebê-los disse: “Vocês vão entrar?” Eu disse: “Vamos”. (*Homem continua*) “Então, é o seguinte: só tem uma orientação, vocês não olhem *pra* ninguém. Vão com a gente e, se alguém estiver olhando *pra* vocês, vocês não olhem, sigam a gente”. E nós entramos. Nesse caminho, nós passamos em tendas de cara jogando baralho com o fuzil em cima da mesa... Tudo que você imaginar que tem dentro de um espaço desse... Pulando esgoto a céu aberto. E a casinha que essa família de nove pessoas foi morar era uma casinha minúscula, um negocinho com dois cômodos. E, quando nós saímos, a gente foi tomar uma cerveja em um quiosque que tinha perto de um canal, um cara disse: “Vocês estão vindo daí do Jardim Canhema? Vocês sabem que nem a polícia entra aí?” Eu disse: “Ainda bem que só agora a gente tá sabendo disso”. Então, essa coisa foi para matar uma curiosidade.

Antes da entrevista com Flávio, a equipe de produção realizou também pré-entrevistas com a esposa dele, Andrea Pinheiro, com o filho mais novo do casal, Artur, com o amigo de Flávio, Miguel Macêdo, e com o próprio Flávio Paiva.

---

“Quando eu escrevo a minha coluna, eu não estou pensando o que é que o jornal vai dizer, não estou pensando nada. Eu escrevo.”

---

para eles (*para a família*). Eles ficaram muito apavorados porque tinham umas barreiras de imigração em São Paulo e eles estavam sabendo porque tinham parentes lá em São Paulo que tinham dito isso. Eles estavam com medo de eu ser um espião, de eu estar lá para investigar essa coisa da migração para São Paulo. Mas eu coloquei bem tudo e eles concordaram. E o acordo que nós fizemos foi o de não-interferência. (*Flávio repete o acordo que fez*) “Olha, vocês podem morrer de agonia, pode acontecer o que acontecer com vocês, não me peçam socorro. Eu vou no ônibus, invisível, eu não quero que vocês percebam que eu estou dentro do ônibus”. Eles toparam esse acordo, nós fizemos e funcionou assim.

Eles foram e nós íamos seguindo. Se a gente podia sentar perto deles e pudesse ir observando os detalhes... E nós fomos até... Fomos para Picos (*município do Estado do Piauí*), de Picos para São Paulo. Lá na rodoviária de São Paulo, do Tietê, eles pegaram metrô. Tinha um parente deles esperando na rodoviária. Eles pegaram o metrô até (*a estação de*) Jabaquara, que é

**Jéssica Maria** – O jornalismo factual se baseia em critérios de objetividade e imparcialidade. Já o “jornalismo expressionista”, expressão criada por você, defende que o sentir é mais importante do que entender. Colocar no papel as emoções que você acabou de falar. Na época em que você trabalhou como repórter na imprensa convencional, você conseguiu exercitar essa maior liberdade de escrita?

**Flávio** – Consegui, consegui. E os meus textos mostram isso. Estão todos lá no arquivo do jornal. Por conta disto: porque a crença no que você vai fazer é o que tem de mover você. Onde eu enxergava uma coisa que era uma luz por trás de alguma sombra, eu sempre procurei valorizar isso. Isso é um poder que o repórter tem. Isso é um poder que o jornalista tem. A construção de um texto nós podemos fazer de várias maneiras ou iniciando por várias janelas, entrando por várias portas. Este é um poder que nós jornalistas temos: construir a matéria a partir do ponto que você acredita.

Uma coisa que eu vejo como muito importante, mas vejo também uma dificuldade

O filho mais velho, Lucas, não participou das pré-entrevistas por estar preparando trabalho para apresentar em um encontro de filosofia.

No dia das pré-entrevistas com Flávio e família, os produtores Paulo e Raíssa, chegaram na casa dos entrevistados às 16 horas e saíram às 22 horas. Era um domingo.

---

**“Tudo que eu sou é o que eu fui. Não tem saudosismo nem (*desejo de*) voltar ao passado. O passado está comigo, está aqui.”**

---

na imprensa – como um todo, não é só a convencional – é que, se eu escrevo sobre esporte e torço por um time, deveria estar explícito em algum local do meu texto que eu torço por aquele time. Se eu sou filiado a um partido político e escrevo sobre política, eu acho que era para estar escrito “fulano de tal é filiado a partido tal”. Existe um ditado popular que diz “é melhor o inimigo honesto do que o amigo desonesto”. Eu acho que, às vezes, na nossa profissão, existe uma certa desonestidade quando a gente coloca uma coisa não clara para o leitor. E eu acho que essa clareza – da sua colocação ideológica, cultural, política, o que quer que seja – é muito importante para o leitor. Eu me sinto mais confortável, muitas vezes, em ler um jornal convencional sabendo que é um jornal de oposição, um jornal de direita, do que um fantasiado de esquerda. Porque a gente fica sempre sem saber qual é a dos caras.

**Roberta** – Mas que tipo de emoções você evoca na hora em que você vai escrever seus textos?

**Flávio** – Vou lhe dar um exemplo bem pertinho daqui. (*Flávio procura indicar com as mãos*) Bem aqui à esquerda, na frente do Marina (*Park Hotel*), vocês vão ver uma capelinha. Essa capelinha se chama Capela de Santa Terezinha. Eu cheguei na redação do jornal (*O Povo*) e tinha uma pauta. Qual era a pauta? Era o lançamento do projeto do Marina Park. Então, eu vim fazer a matéria sobre o lançamento do projeto de uma marina em Fortaleza. Fui lá, estava a maquete, todo mundo falando e eu fazendo as anotações. Quando foi um determinado momento, eu olhei e (*vi que*) na maquete não tinha aquela capelinha. Eu disse: “Me diga uma coisa, bem aqui não tem uma igreja?” O cara disse: “Sim, pois é... Mas essa igreja é uma coisa sem valor... E a gente já negociou com o padre da Igreja do Patrocínio – que era o padre também dessa capela aqui. A gente já acertou com ele, vai fazer uma outra igreja mais na frente ali e aqui a gente vai demolir”. Quando eu cheguei na redação, se vocês forem no jornal, a matéria diz o seguinte, algo sobre destruição

do patrimônio em Fortaleza: “Chega a vez da Capela de Santa Terezinha”. A minha matéria foi toda em cima da demolição da capela. O que foi que os caras (*empresários envolvidos no projeto*) fizeram? Reagiram, foram na direção do jornal. O *Diário do Nordeste* deu uma matéria dizendo que não tinha nenhum valor. Aumentou essa vontade de ganhar a questão, quer dizer, não deixar que o poderio do Marina Park junto à imprensa fizesse com que aquela expressão que eu encontrei, que era uma coisa de uma comunidade – porque isso aqui era, na realidade, Arraial Moura Brasil (*Flávio menciona aqui por a entrevista ter sido realizada no Passeio Público, bem próximo ao mencionado local*) – e ali foi onde se batizaram todos os filhos das pessoas desse morro e ia ser demolida porque não tinha nenhum valor, porque era uma coisa popular.

Dom Aloísio Lorscheider (*cardeal brasileiro da Igreja Católica e ex-arcebispo de Fortaleza, morto em 2007*) fazia um programa às seis horas da noite na rádio *O Povo*, ao vivo. Eu atrasei o jornal, pedi ao editor – que eu acho que era o (*jornalista*) Miguel Macêdo – para segurar o *Segundo Caderno* sem descer (*para a impressão*). Nós atrasamos o jornal e eu fiquei com o espaço em branco lá na página esperando essa entrevista com dom Aloísio. Por quê? Porque o padre (*responsável pela capela*) tinha dito que dom Aloísio tinha consentido, então eu esperei. Quando ele desceu do carro, nem entrou na rádio, eu já estava com ele. Fui ali gravando, ali com ele, e ele disse: “Não, veja bem, nós temos de levar em conta essa coisa da relação afetiva. O que o padre fulano de tal me disse que a comunidade tinha aceitado”. Eu disse: “Não, durante o dia eu já fui na comunidade...”. Porque eu estava esperando dom Aloísio, mas, de manhã, eu já tinha vindo aqui (*no Arraial Moura Brasil*), entrevistei todo mundo da comunidade e estava todo mundo revoltado com aquilo. Tinha uma contradição dentro do discurso. (*Foi*) manchete do dia seguinte: “Dom Aloísio diz... que não é para fazer”, um negócio assim, (*que era*) uma fala do dom Aloísio. Eles (*empresários*), no *Diário do Nordeste*, no dia seguinte, colocaram uma matéria sobre as vantagens para Fortaleza de ter uma marina e tal. E eu não estava fazendo um texto contra a marina. Tudo bem, legal ter uma marina. Mas por que tem de demolir para fazer uma outra coisa? Aí, no terceiro dia – foi uma matéria de três dias –, no terceiro dia, eu fui entrevistar os caras. Eles me chamaram, não lembro onde era o escritório, e o pessoal até disse: “Flávio, vai com um guarda-costas porque esses caras são perigosos”. Mas eu fui sozinho, avisei no jornal, estava todo mundo sabendo. E eles chegaram lá e disseram que não iam mais demolir a capela.

Paulo e Raíssa não sabiam se gostavam mais das entrevistas realizadas ou dos quitutes servidos por Andrea entre um entrevistado e outro.

Então, a ação de enxergar a coisinha que está por trás é, numa maquete do tamanho destas quatro mesas juntas, ver a ausência de uma capelinha desse tamanho (*Flávio faz com os dedos o tamanho pequeno da capela*). É isso que eu chamo de você trabalhar um valor que está escondido, uma luz que está por trás das sombras.

**Joyce** – Essa valorização da emoção, então, não deixa de passar por uma reflexão e por um entendimento, né?

**Flávio** – Tudo tem de passar... Meu pai, Toinzinho, tem 92 anos e, desde menino, ele me disse uma coisa: “Meu filho, tudo tem um porquê”. Eu passei a vida inteira pensando no porquê das coisas, eu gosto disso. A reflexão é a base... Se a gente for ser jornalista sem reflexão, é melhor ir cuidar de outra coisa, porque a gente tem de saber o que a gente está fazendo.

**Raissa** – Flávio, você coloca essa questão da curiosidade, dos porquês, lembrando o seu pai. Na pré-entrevista, você fala dele como um homem simples do interior, muito inventivo, pensativo, que tem uma visão espetacular da natureza. Você se vê nessas palavras?

**Flávio** – Eu me vejo. Eu me vejo porque eu sou profundamente influenciado por eles: tanto pelo meu pai como pela minha mãe. A influência do meu pai foi nesses atributos que você colocou. É um cara simples, que nasceu em 1921, que foi expulso de casa e... (*Flávio se emociona*). Construiu a vida dele... Com muita luta. E ele passou pra gente essa coisa do destemor, de que a vida não é nenhum bicho de sete cabeças. (*Flávio continua emocionado*).

Tem um livro que eu fiz, chama *Toinzinho e Socorro – uma intensa e fervorosa flor* (2011) que eu conto toda a história de como ele e minha mãe se encontraram, no dia em que chegou o primeiro avião no campo de pouso lá em Independência. Porque meu pai vem de uma família de criadores, da época em que as pessoas não tinham terras, criavam soltos (*os animais*). E minha mãe vem de uma coisa mais matriarcal, era a minha bisavó que conduzia todo o local onde elas moravam. Então, é um encontro de uma visão, vamos dizer assim, de um homem do sertão muito rústico, que tem uma sabedoria... Quando eu falo essa sabedoria, gente, eu falo como o Vital Farias (*músico e compositor paraibano*). O Vital Farias é um compositor que, como pessoa, é um bruto e, como compositor é, talvez, um dos mais sensíveis do Brasil. Então, essa construção entre o sensível e o bruto, a vida bruta... (*Emociona-se e segue com a voz embargada*) Ela (*a vida bruta*) tem uma presença muito forte na minha maneira de ser. Eu costumo brincar, dizer com meus amigos, que nós que nascemos no sertão guardamos

um jagunço dentro da gente. A gente nunca vai conseguir dominar essa fera. Eu sou um cara bruto também. Eu sou, vamos dizer assim, no meu dia a dia, na minha forma de tratar as coisas, eu tenho de ter um controle muito grande para não deixar o jagunço acima das outras coisas da vida que eu percebi. E essas outras coisas da vida estão muito ligadas à forma de ser da minha mãe, que a minha mãe tem uma sensibilidade enorme. A sensibilidade, o cuidar que as mães têm de fazer coisas para o outro, de não achar que o mundo é para si, que o mundo é aquele que você ajuda a construir. Essa construção dos dois é muito forte em mim, mas muito forte. Em tudo o que eu faço, no que eu penso e como eu crio também meus filhos, como eu vivo na minha casa, no meu dia a dia.

**William** – Flávio, nesse sentido, quando é que o Flávio bruto, o Flávio jagunço, se manifesta na sua vida e o Flávio sensível, que está sobretudo preocupado com o outro, também se manifesta?

**Flávio Paiva** – Eu vou te contar... Eu faço livros infantis, juvenis e outros livros também – essa história que eu vou contar é ligada a isso. E uma das coisas que mais me maltratam é quando eu chego em algum lugar e o cara me recebe com a compaixão do autor local. Detesto isso, me maltrata. É um dos meus pontos de reação bruta. Por exemplo, quando chegou a Livraria Saraiva aqui em Fortaleza, eu estava conversando com um cara lá e ele dizendo (*Flávio reproduz a fala do funcionário da loja*): “Nós vamos fazer aqui uma prateleira só de autores cearenses, você precisa botar seus livros aqui”. Eu disse: “Me mostre a prateleira”. Quando nós chegamos lá, eu disse: “Cadê a Rachel de Queiroz?” (*Funcionário responde*): “Não, a Rachel de Queiroz está no (*espaço do*) romance brasileiro”. (*Flávio continua*) “Cadê o José de Alencar?” (*Funcionário responde*) “Não, o José de Alencar...” (*Flávio critica*) “Então você não tem uma prateleira de autores cearenses, porra! Você tem (*um espaço*) para fazer, entre aspas, responsabilidade social, de caridade com o autor cearense. Eu tô fora”. Isso é o cara bruto dizendo para o gerente de uma loja que aparentemente deveria ter o interesse.

Eu cheguei numa escola, escrevi um livro sobre Fortaleza, que é uma cidade que me acolheu, de que eu gosto, e eu vivo indignado porque as pessoas não conhecem a história da cidade. E eu escrevi um livro chamado *Fortaleza – de dunas andantes a cidade banhada de sol*. Fui chamado – sou chamado porque esse livro é adotado em muitas escolas –, chego numa escola, a moça vai me apresentar à diretora e diz: “Olha, o Flávio Paiva tá aqui divulgando o livro dele”. Eu digo: “Não, senhora, a senhora não me chamou aqui

Flávio Paiva não possui celular, mas está sempre disponível por email. Em pouco tempo e com muita atenção, ele responde pergunta a pergunta.

Antes e depois da entrevista, muitos emails foram trocados com Flávio. Antes: para acertar tudo. Depois: para tirar dúvidas sobre alguns pontos da entrevista.

Flávio também mandou por email algumas dicas de materiais sobre sua trajetória. Empréstou para a turma o CD *Terra do Nunca*, de 1997.



pra isso não. Eu não sou divulgador, a editora tem um divulgador. Eu sou o autor, eu escrevi esse livro porque eu acredito na história que eu escrevi. A senhora me chamou para falar sobre esse tema, sobre o que eu acredito do que eu vejo dentro da cidade". Nesse momento eu não me controlo. O jagunço sai, meu amigo, não tem jeito. Porque são as relações estúpidas, é uma coisa da estupidez que produz essa coisa nervosa que vem de dentro e eu não tenho como controlar.

**Camila** – A sua família sempre está inserida dentro das suas produções. Inclusive o seu primeiro CD infantil foi produzido por ocasião do nascimento do seu primeiro filho, Lucas (*em 1999*), e o segundo por ocasião do nascimento do Artur (*em 2001*). Quais foram os sentimentos que despertaram dentro de você, na época do nascimento dos seus filhos, que você tentou reproduzir nessas músicas, que você quis dizer nelas?

**Flávio Paiva** – Vamos só fazer um preâmbulo para chegar aí. Na realidade, tudo que eu faço é com o que está no meu entorno. E esse entorno pode ser, inclusive, virtual, mas é do que eu estou vivendo. Se tudo que eu estou vivendo, eu estou transbordando, tudo que me emociona, eu vou transbordando, não podia ser diferente quando eu fui pai. Eu chamo o efeito da paternidade criadora. Eu já tinha feito música para criança, para dar de presente a um amigo. Mas, quando a Andrea (*Pinheiro, jornalista e professora universitária, com quem Flávio é casado há 23 anos*) estava ali com o barrigão, que eu comecei a me relacionar com o Lucas dentro da barriga dela, foi assim... Essa coisa da música, de produzir a música, um disco para ele ouvir em primeira mão... Porque eu produzi a matriz e só os músicos ouviram, ninguém mais ouviu. Ela estava parindo e ele tinha todas aquelas músicas, recebendo, inclusive, uma música feita para ele. Mesma coisa foi com o Artur, dois anos depois. Isso que eu estou falando para vocês, se vocês pegarem os dois discos, vocês vão ver claramente o seguinte: no

primeiro disco, eu só tinha condições de cantar para o Lucas o que eu conhecia da infância, da minha vida e tal. As músicas do disco do Lucas estão mais ligadas à minha experiência de infância do que (*no disco*) do Artur. Porque com o Artur (*quando do nascimento dele*), eu tinha dois anos de experiência com o Lucas. Então, o disco dele já é diferente. Se eu fizesse um disco hoje, com a experiência da vida com eles dois nesses 14 anos, já seria outro trabalho, porque há outros elementos que eu colhi na relação. A relação é real, eles estão dentro, está tudo lá (*nos discos*), não tem invenção. Todas as histórias que eu faço, todos os livros infantis, inclusive, são verdadeiros, são histórias verdadeiras. Claro, tem um tratamento literário, senão não seria literatura, assim como na música. Mas todas são histórias reais. Tudo aconteceu. Não tem o negócio aqui de você sentar, pegar um *briefing* para ir fazendo, não existe isso.

**Analu Moraes** – Flávio, você estava falando da infância e falou, durante o processo de produção desta entrevista, que teve uma infância típica de um menino do sertão. Você tomava banho nas bicas, você corria no meio da rua descalço, jogava futebol... De que forma você busca nos seus livros, nas suas músicas, passar suas experiências daquela infância típica do sertão para as crianças de hoje?

**Flávio Paiva** – Assim, eu não tenho nenhuma preocupação – e acho até bom não ter – de passar isso como (*Flávio expressa um pensamento*) "Olha como foi bom, olha como era legal", certo? Porque elas (*lembranças*) estão em mim, porque eu estou vivo, o meu tempo é presente. Eu não tenho tempo do passado, tenho tempo do presente. Quando eu me relaciono com meus filhos ou quando vou fazer uma música, compor uma história, ela está no tempo presente. Agora, os elementos que eu tenho para usar são os que eu vivenciei, são os que chegaram a mim ou que eu experienciei.

Eu uso esses elementos (*da própria*

No dia da reunião de pauta, circularam pela sala 13 da Comunicação da UFC cópias do CD *Terra do Nunca* e livros infantis do entrevistado.



A entrevista com Flávio Paiva aconteceu no dia 31 de outubro, Dia do Saci. Uma boa coincidência para entrevistar um observador de Sacis.

*infância*), mas a minha intenção não é levar para o passado, não é dizer que o brinquedo de não sei quando é melhor que o jogo de *game*, porque não é. São coisas diferentes. Não faço essa coisa pensando “olha como era bom no passado”. Eu sou meio descolado desse tipo de sentimento.

**Andressa** – Você tinha falado do momento em que escreveu o *Fortaleza – de dunas andantes a cidade banhada de sol*. E, quando você menciona isso durante a produção do material da entrevista, fala que estava tentando passar para as pessoas a ideia de que todos nós viemos do interior e todos nós, de alguma maneira, somos marcados por isso. Você assinava como Flávio d’Independência. E eu queria que você falasse o que é que o incomoda nessa não valorização no pensamento da capital das pessoas que vêm do interior, do que é produzido e do que é vivido lá.

**Flávio** – Eu gosto da cidade, gosto da vida urbana. Agora, a vida urbana, por exemplo, no caso que você citou de Fortaleza, para mim, o que me deixa indignado é a gente ocupar uma cidade deste tamanho da forma não planejada como foi ocupada, a gente se sentir um máximo – porque a cidade é cheia de boçal – e não sabe por que é diferente do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Pernambuco, do Maranhão. Por que somos diferentes de Recife, de João Pessoa, de São Luís do Maranhão? Se você fizer uma pesquisa, eu duvido que as pessoas saibam que nós fomos colonizados no ciclo do couro e do algodão, que nós viemos do litoral de dentro para fora, que a gente não tinha relação com o mar... Se vocês forem em frente ao Beach Park (complexo turístico com parque aquático e rede hoteleira, no município de Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza) – se ainda estiver lá, não tiverem demolido –, atrás da duna tem uma casa *enooorme* de uma fazenda virada para o Rio Pacoti. A duna atrás e o mar muito mais atrás (*da casa*), porque não tinha relação com o mar. A nossa relação com o mar foi

uma relação exportadora. Toda ela aconteceu em margens de rios. É em Acaraú, no Rio Acaraú, é em Camocim, é em Fortim, ali no Rio Jaguaribe, Fortaleza... Cada lugar desses, a cidade nasceu dentro do rio e não na praia.

Até bem pouco tempo, antes de Icapuí (*cidade do litoral leste cearense, distante 200 km de Fortaleza*) fazer uma rua na beira mar, só tinha uma cidade do Ceará, fora Fortaleza, com sede no litoral, que é Paracuru (*cidade do litoral oeste cearense, distante 87 km de Fortaleza*). São 573 km de costa e tem um único município que tem a sede no litoral? A gente precisa entender por que isso. Você vai lá no restaurante do João Gudão, lá em Camocim, ele vai te contar: “Nós éramos todos índios, morávamos no manguê seco e os caras botaram o sobrenome da gente de algodão para não saber que era índio”.

Então, é o desperdício dessa história, o desperdício dessa essência cultural, que era o que faria com que Fortaleza pudesse ser uma cidade muito mais rica, muito mais rica porque ela passaria a ter muito mais verde, ela passaria a ter muito mais relação com a sombra. Porque nós que nascemos no interior, e somos todos nós – vocês, talvez, a maioria tenha nascido em Fortaleza, mas com DNA do interior, o DNA cultural é do interior –, nós gostamos de sombra. Eu ando três, quatro quadras para parar o carro numa

---

“Se a gente for ser jornalista sem reflexão, é melhor ir cuidar de outra coisa, porque a gente tem que saber o que a gente está fazendo”

---

O Passeio Público é um velho conhecido de Flávio Paiva. Além de já ter concedido outra entrevista no local, Flávio escolheu o Passeio como cenário do livro *Se você fosse um Saci...*

A black and white photograph showing a close-up of a hand holding a book. The background is filled with rows of books on shelves, which are out of focus, creating a bokeh effect. The lighting is soft, highlighting the texture of the book cover and the hand.

“Todas as histórias que eu faço, todos os livros infantis, inclusive, são verdadeiros, são histórias verdadeiras.”



De início, a preocupação dos produtores Paulo e Raíssa era confirmar se o restaurante Café Passeio, situado no Passeio Público, havia reservado as mesas e cadeiras necessárias para a entrevista.

## “O desperdício dessa história, o desperdício dessa essência cultural, que era o que faria com que Fortaleza pudesse ser uma cidade muito mais rica.”

sombra. E nós não temos sombras, nós não brigamos pela sombra. É só um exemplo, mas nós não brigamos por quê? Porque nós não nos reconhecemos nesse ser que gosta da sombra. Nós nos enxergamos no cara que vem na rua, o sinal fecha, ele está a 100 metros do sinal, aí tem uma sombra aqui numa árvore e ele para embaixo segurando o trânsito atrás todinho. Essa atitude pela sombra ele tem. Mas ele não percebe que ele está desrespeitando o trânsito e as outras pessoas porque ele está atrás de uma sombra que ele não luta por ela.

**Bárbara** – Flávio, você falou da relação com elementos naturais no meio urbano. Em entrevista à equipe de produção, sua esposa, a Andrea, falou que você tem uma percepção diferente da natureza, tem um apego ao sertão e é, em Fortaleza, aquilo que Independência o transformou. Como foi sua relação com a natureza, na sua infância em Independência e de que forma ela interfere na sua compreensão de mundo?

**Flávio Paiva** – Minha relação com a natureza foi a de menino do interior. Eu brinquei muito nos matos, era uma das coisas favoritas de brincar. Fazia farofa de favela (árvore típica do interior nordestino). Essa árvore é uma árvore que eu tenho uma relação muito grande com ela, porque a gente saía para os matos para brincar.

Uma das tarefas minhas era encher os potes lá em casa. Quando você vai buscar tinha lá uma fila, você fica lá na fila, você vai tomar banho, vai fazer não sei o quê lá no açude... Essa coisa de atravessar açude a nado, eu brincava muito disso, e a brincadeira nas calçadas, dos campinhos de futebol... Eu sempre tive isso. Ajudei muito meu pai criando ovelhas. Uma das minhas tarefas em casa era ir deixar as ovelhas e pegar no final do dia, todos os dias. Aquilo ali eu tinha uma relação com os animais. Independência tem um lugar que, infelizmente, estão aterrando agora, chama Lagoa da Taboa – taboa é uma taboquinha, é um matinho que dá dentro de lagoa. E ali tinha marreca, tinha esses bichos

todos, tinha tucalha (*armadilha*) de caçador... E, quando eu ia buscar as ovelhas, eu ficava deitado ali, no final da tarde, olhando para o céu – vocês não vão acreditar no que eu estou dizendo –, mas eu chegava a ver estrelas durante o dia. A concentração era tão grande no espaço infinito que é como se criasse um filtro, talvez imaginariamente, mas eu ficava esperando aquelas coisas, disco voador, essas coisas que menino faz. E, ao mesmo tempo, escutando os bodes. Um dos bichos que eu acho mais inteligentes e mais fantásticos é o bode. Porque os bodes, quando estão reunidos dentro dos matos, você jura que é uma reunião como essa nossa, que eles estão batendo papo e tal, você tenta escutar e você não sabe, porque quase fala. E eles estão conversando, é uma algazarra aquele negócio ali, aquele bocado de bode. Eu gostava daquilo ali, dessa relação.

**Jéssica Maria** – E como é que esse menino, que nasceu e cresceu em Independência, cidade do sertão cearense, fez para manter essa relação orgânica com a natureza quando se mudou para a cidade grande, se mudou para Fortaleza?

**Flávio Paiva** – Eu procurei me relacionar com a cidade na perspectiva do que ela é. Agora, com a perspectiva do que ela é, com a teimosia de achar que ela pode ser diferente. Eu vivo bem na cidade, eu gosto da cidade.

Quando eu era menino, meu avô tinha uma casa lá nas Damas, ali perto da Parangaba (*dois dos bairros mais antigos da Fortaleza*), e eu vim algumas vezes *praí*, quando eu era menino. Eu acordava, tipo, cinco horas da manhã e ficava sentado no batente, na avenida João Pessoa, olhando os ônibus passar. Aquilo eu achava a coisa mais linda do mundo. Esta semana (*entre 27 de outubro e 2 de novembro*) ainda falei para o meu filho, Lucas, a gente estava andando a pé e passou um ônibus e eu disse: “Rapaz, esse cheirinho do ônibus que passa perto de mim, me lembra esse momento (*da infância*)”, e fui contar para ele. Porque fica aquela coisa sensorial, do som dos ônibus, dos carros, essa coisa toda. Então, eu incorporei isso muito bem, eu não tenho dificuldade de morar no ambiente urbano. Eu não estou atrás de transformar Fortaleza em Independência, não estou atrás disso.

Agora, me incomoda a gente ter as possibilidades e não fazer coisas que seriam muito mais agradáveis como espaço de convivência, como espaço de interrelação entre bairros, como espaço de você poder se locomover de uma maneira muito mais tranquila. Isso tudo dá para fazer, é só questão de cultura. Não é questão de educação. Todo mundo luta por educação porque educação, no fundo, no fundo, interessa a todos.

A produção contou com o apoio da gerente do local, Rosana, que foi bastante receptiva e cedeu toda a estrutura de mesas e cadeiras que precisamos. Eram 11 entrevistadores, mais o professor Ronaldo, o entrevistado, Flávio Paiva, e a fotógrafa Thamires.

Interessa a quem tiver o poder, formatar os outros do jeito que ele gostaria. Para mim, eu trato como cultura. E o que eu aprendi foi isso e o que eu aplico é isso.

**William** – Flávio, agora a gente vai saltar a conversa para falar de um outro campo na sua vida: a vida comunitária. Falar da sua vida comunitária é falar, também, da sua produção infantil. Você disse que o que narra nas suas histórias é sempre verdade, contado por um viés literário. E você é um admirador da dimensão fantasiosa da vida. Por que, então, considera importante contar para as crianças as suas experiências?

**Flávio** – Isso é uma troca, na realidade, porque, quando você escreve um livro, ele sai para o mundo. Principalmente os meus que vão com música. Eles têm mais ainda o potencial de caminhar sozinhos. Quando eu conto uma história, é um desejo e uma vontade, aquela sensação que a gente tem de que tem alguma coisa que você precisa dizer, que você precisa – falei aqui a expressão – transbordar, você precisa colocar para que os outros também tenham acesso àquilo. E meus livros todos são participativos. Na realidade, eu não sei bem se isso é literatura, porque eu quero que eles participem, eu gosto que eles participem, que eles sejam quase autônomos, tenham uma vida própria. E o retorno disso, quando eu digo que é uma troca, é porque eles o tempo todo vão me reestimulando, me reenergizando para me lembrar de outras coisas que eu posso contar.

Este ano, eu fui numa escola no bairro do Bom Sucesso, bem recente, inclusive. A escola fez uma Festa do Saci e eles me convidaram. E eu fui, não conhecia ninguém. A professora entrou em contato comigo por *email*, disse que tinha feito e tal. Quando eu cheguei lá, é uma coisa tão grandiosa, gente, que você não acredita. É uma professora de português e essa professora pegou o livro *A Festa do Saci* (2007), trabalhou gêneros textuais todos a partir desse livro e, como ele vem com um CD dentro, que vêm 13 músicas,

**“Todo mundo luta por educação porque educação, no fundo, interessa a todos. Interessa a quem tiver o poder de formatar os outros do jeito que ele gostaria.”**

eles trabalharam dentro de gêneros textuais também a parte de música e fizeram a festa. Ela (*professora*) viu em algum lugar e pegou esse negócio. E você chega lá e tem uma festa... Toda!

Então, essas coisas vão se multiplicando e não é um trabalho que você faz. Quando eu digo que quero que o livro seja participativo, é que ele possibilite o uso, que possibilite que as pessoas se encontrem naqueles elementos. Agora, sim, a vontade de contar está aí, a vontade de compor está aí. É você produzir elementos que eles se multipliquem, que eles sejam capazes de ser utilizados, vamos dizer assim, conforme cada pessoa no seu lugar.

**Jéssica Maria** – A gente pode dizer que eles (*livros*) têm uma finalidade educativa?

**Flávio** – Não, cultural. Porque é o seguinte. Todo mundo me chama para coisa de educação e eu dou até palestras para professores sobre educação. Eu não me nego porque eu acho que a educação tem de nascer da cultura. Se o meu trabalho está focado nessa base orgânica da vida, que é a cultura que dá, e eu tenho a oportunidade de falar para professores, eu vou lá dizer isso. É a mesma coisa que eu falei do caso quando eu fui para o jornal convencional – que eu estava na produção alternativa e fui para o jornal convencional. Nós não podemos perder essas oportunidades. É a oportunidade de dizer o que eu acredito.

**Analú** – Os seus livros são sempre acompanhados de CDs. Você acredita que a criação do livro acompanhado do CD seria uma forma diferente de tocar a criança, de trazer uma cultura diferente para a própria infância?

**Flávio** – É, inicialmente não foi pensado. Foi por acaso... Por acaso não porque, Junguianamente (*Flávio se refere ao psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, 1875-1961*) falando, foi por sincronicidade, porque não é bem acaso. Eu fiz um disco para os meninos e cada música tinha uma história, mas eu não tinha feito a história. As pessoas (*diziam*): “Poxa vida, você podia contar isso...” Então, houve uma cobrança, de certa forma, de quem eu mostrava as músicas, de contar a história das músicas, por isso que depois eu fiz as histórias. Quando eu fiz, teve uma revelação. Qual foi a revelação? A combinação de duas linguagens dentro de um mesmo tema. Por exemplo, o livro *Flor de Maravilha* (2004), são 20 músicas, 20 histórias e 20 temas. Quando eu escrevo, por exemplo, o conto *Piolho Ciumento*, a música é *Cafuné*. Ela não é uma ilustração, ela está apenas dentro do mesmo ambiente, porque o *Piolho Ciumento* – no fundo, no fundo – está ligado a uma afetividade de fazer o cafuné, de catar o piolho... Essa

Os colegas perguntavam se a equipe de produção já havia telefonado para Flávio para confirmar a presença dele na entrevista. E Raissa sempre respondia: “Gente, ele não tem celular, mas tá confirmado”.

Flávio chegou poucos minutos antes das 15 horas, horário marcado para o início da entrevista. Toda a turma já estava no local com o professor Ronaldo Salgado.

Depois da rodada de apresentação, Flávio afirmou ser um bom fisionomista, mas assumiu ter dificuldades para decorar nomes.



coisa que é da nossa cultura.

Quando você combina duas linguagens dentro de um mesmo tema, você potencializa o espaço da imaginação do leitor, porque eu estou oferecendo mais motivos para ele imaginar. Agora, vai depender de cada um, né? Cada leitor vai criar esse espaço dele dentro dessa relação.

**Jéssica Maria** – O processo de criação das histórias e das músicas é simultâneo?

**Flávio** – O processo de criação é como todo processo de criação: caótico, né? A ordem se estabelece depois do caos. Há músicas em que surge uma melodia e depois eu faço uma história e depois a letra. Por exemplo, algumas nascem dentro. No livro *A casa do meu melhor amigo* (2010) tem dez músicas que fazem parte da história. Eu sou um compositor, mas na realidade o compositor é o personagem. Eu compus como o personagem, porque está dentro do momento do livro em que a sensibilidade é do personagem.

No livro *A festa do Saci*, a música tema *Teco, tic tec, tic tac!* (Flávio canta o trecho da música) nasceu de uma história real, que é de uma máquina de escrever que minha tia deu de presente para mim quando ela resolveu se desapegar do mundo material para se reintegrar à natureza no interior de Minas Gerais. E foi morrer lá, no meio de um bosque; e ela deixou as coisas para várias pessoas e deixou para mim uma máquina de escrever. Eu fui pegar essa máquina no domingo à tarde. Quando eu cheguei e abri (Flávio diz ficar arrepiado ao contar a história), eu vi

uma concha acústica, gente, uma máquina de datilografia, uma máquina de escrever é uma concha acústica com uma plateia de letras... É a coisa mais linda! Quando eu abri, começou a nascer essa história contando isso, inclusive. Eu abri o computador ao lado e fiz essa história. A história, os duendes, essas coisas que estavam procurando o Saci, que estava dentro da máquina... Eu batia nas teclas exatamente para produzir um efeito sonoro que me inspirasse cada vez mais na fantasia de procurar o Saci, que estaria perdido dentro desse ambiente, e nasceu uma música que eu não tinha projetado fazer essa música. E a música é exatamente isso: "Teco, tic tec, tic tac/ Teco, tic tec, tic tac/ Estou aqui meu Saci/ Estou aqui chamei você/ Pererê/ Chamei você/ Pode chegar/ Me abraça/ O vento é bom de assoviar/Tem boi tatá/ Tem caipora/ Me apavora/ Eu vou gostar". Então, uma música dessas nasce do momento da produção do texto. Isso é muito relativo, vai depender... Tem outras que eu faço a letra, tempos depois faço a música e por aí vai.

**Joyce** – Você é conselheiro do projeto Criança e Consumo do Instituto Alana. Agora, quando você iniciou as produções infantis, já existia uma reflexão acerca da valorização da infância no desenvolvimento humano?

**Flávio** – Eu tenho vários textos publicados sobre infância antes de 1999, antes de começar a nascer os meninos, vamos dizer assim, mas eles eram bem mais esporádicos. Chegou um momento em que eu estava escrevendo meio perdido, então eu disse: "Não, eu quero saber sobre o que eu escrevo mesmo". Eu levantei tudo que produzi e descobri que eu escrevo só sobre duas coisas: eu escrevo sobre infância e sobre cidadania orgânica. Tudo que eu fizer está dentro dessas duas avenidas, desses dois caminhos.

A infância ganhou uma projeção a partir de 1999 com o nascimento do Lucas e, depois de 2001, com o nascimento do Artur. Disso não há nenhuma dúvida, porque eu comecei a enxergar em casa, no dia a dia, na madrugada, no acordar de manhã e compor uma música dando banho de sol (*nos filhos*). Essas coisas não dá para você inventar, elas têm de ser sentidas, e profundamente. Eu comecei também a notar como as coisas eram montadas para transformar a criança

---

**"O perverso na indústria cultural é porque ela diz sozinha o que é que é e o que é que não é."**

---

O escritor começou agradecendo pelo convite. Ele disse que ficou muito feliz quando a produtora Raíssa Veloso ligou fazendo o convite.

em outra coisa, sabe? Para categorizar, tirar a criança do meio dos adultos, tirar a relação familiar... Os especialistas, como sempre, criando reservas de mercado na cabeça das crianças para vender serviços. As escolas como se estruturam através das apostilhas e não através de uma busca, através do conhecimento pela curiosidade. Eu fui começando a entender isso e isso foi trazendo a vontade de eu pesquisar cada vez mais, de eu me envolver cada vez mais...

**Roberta** – Flávio, falando da afinidade musical que você tem, eu gostaria que você falasse um pouco sobre o conceito que você trabalha de Música Plural Brasileira, enfatizando como é que você enxerga isso na realidade local, regional.

**Flávio** – Nós cearenses somos muito musicais. Todos os nossos ancestrais – os índios Cariris, os índios Tremembés, os Pitaguaris, os Jenipapo-Kanindé, todos eles têm uma expressão musical maravilhosa que, apesar de ter sido dizimada, ainda resistiam em alguns lugares. A banda dos irmãos Anicetos é uma banda indígena cearense (*Banda Cabaçal dos irmãos Anicetos, do município do Crato, na região do Cariri cearense*), de pessoas que guardam aquela relação de contar as coisas da natureza através de onomatopéias. Isso está muito dentro da gente. Temos uma riqueza musical espetacular, nesses últimos cem anos, começando de Alberto Nepomuceno (*compositor cearense, falecido na década de 1920*) até as produções mais atuais, nós temos uma contribuição da música do Ceará para o Brasil que é excepcional e é muito diversa, porque a nossa compreensão de música, a compreensão de um povo que nasceu de uma cultura nômade – que é o que nós somos – é a compreensão da apropriação. Se fossem os paulistas que tivessem falando isso, diriam que era antropofagia, que eram os modernistas de 22... Os caras têm poder de retumbância e jogam isso para o Brasil. Nós temos esse conteúdo e não fazemos isso, porque a mentalidade *cult* do Ceará é subordinada a esses pensamentos que vêm de fora, tem complexo de inferioridade, tem dificuldade de um pensar próprio. Infelizmente, a nossa inteligência que discute cultura é muito limitada. Essa diversidade vem se expressando ao longo do tempo em várias situações e vários momentos...

Novamente, a coisa da pesquisa. Faça uma pesquisa que as pessoas vão conhecer dois ou três caras que tiveram mais mídia aqui no Ceará, que souberam se organizar dentro do poder econômico e político para aparecer mais e parece que só existem essas pessoas, certo? Mas é ignorância nossa. Se você for lá no passado, grupos cearenses que foram um grande sucesso na música

brasileira – e quando eu digo sucesso aqui têm os dois tipos de sucesso. Tem sucesso e tem êxito. Tem o sucesso, que foram outras pessoas, como o Xérem (*cantor e compositor cearense, nascido em Baturité, considerado o pai do forró*), com a Trupe do Pequeno Edson, que cantaram neste Brasil inteiro música a partir do Baturité. E outros conhecidos: Vocalistas Tropicais (*conjunto vocal e instrumental cearense formado na década de 1940*), o Trio Nagô (*grupo musical cearense de sucesso na década de 1950, composto por Evaldo Gouveia, Mário Alves e Epaminondas de Souza*)... A primeira vez que a palavra forró foi gravada em um disco é de um disco do Xerém, *Forró na Roça*, em 1937. Nós temos um monte de diferenciais maravilhosos. Na música romântica, o Vilamar Damasceno, Evaldo Gouveia, antes o Ramos Cotôco (*Raimundo Ramos Filho, poeta, músico e compositor cearense, falecido em 1916*).

Toda essa coisa está dentro da gente, mas você vai fazer música hoje e você fica querendo ir fazer jazz para ir tocar no Festival de Guaramiranga (*Festival que acontece no período do carnaval no município de Guaramiranga, cerca de 100 quilômetros de Fortaleza*). Uma vez eu propus para Maranguape fazer lá um Festival Luar do Sertão (*Maranguape, município serrano que faz parte da região metropolitana de Fortaleza*). Por quê? Porque o Catulo da Paixão Cearense (*poeta, cantor e compositor nordestino, nascido na década de 1860*) – que na realidade é maranhense – passou um período importante da descoberta dele da vida, pré-adolescência, no Maranguape e, quando foi embora para o Rio de Janeiro, escreveu lá uma das músicas mais bonitas do cancionário brasileiro, que é *Luar do Sertão*, falando de uma serra que é Maranguape. Se eu souber disso e criar em Maranguape um festival Luar do Sertão, de forró instrumental, nós poderíamos trazer o mundo todo para Maranguape dentro de um conceito que nós temos capacidade de ir para um diálogo global, porque nós temos uma voz.

---

**“A mentalidade *cult* do Ceará é subordinada a esses pensamentos que vêm de fora, tem complexo de inferioridade, tem dificuldade de um pensar próprio.”**

---

Uma curiosidade: a esposa de Flávio, a professora universitária Andrea Pinheiro, fez parte da turma que realizou a primeira edição da Revista Entrevista.

A entrevista começou com Flávio falando um pouco sobre a atuação profissional dele no jornalismo alternativo e sobre o tempo em que atuou como repórter do jornal O Povo.

Só as experiências de produção alternativa de Flávio Paiva dariam uma grande entrevista. Aqui ele conta rapidamente algumas.

Entendeu qual a diferença de quando você se compreende a partir da cultura? Não é você ser xenófobo, não é você achar bom só o que é daqui. É essa capacidade que vem lá dos vaqueiros que andavam pelo mundo... Que naquele tempo a dimensão das fazendas era onde ia o rastro do gado, não tinha cerca. É essa coisa que o tropeiro trazia de um lugar para outro, que veio pelo porão dos navios com as rabeças, que veio com as violas, veio com tudo isso e construiu o que nós somos. Isso aí produz, vamos dizer, uma condição de assimilação, que nós somos criadores dos elementos distintos.

Nós não temos só uma música, o Ceará não tem só uma música, como não tem só uma expressão estética de artes plásticas. Se você for olhar em cada uma das partes, a nossa construção é muito diversificada e ela é grande em tudo isso e nós poderíamos reconhecer, nessa capacidade, que esse é o nosso diferencial de cearensidade para poder nos colocar em um diálogo, porque senão não tem diálogo. A gente passa a vida toda sendo número, sendo consumidor, contando quantas pessoas passaram na roleta de um centro cultural.

**Analu** – Você comentou que alguns poucos (*artistas*) conseguem, por questão de poder econômico, fazer sucesso. Vem daí um pouco da sua crítica à indústria fonográfica, aquela questão de querer produzir mais sempre do mesmo?

**Flávio** – Eu não vejo problema que ela (*indústria cultural*) exista. Eu, por exemplo, sou editado por uma editora de São Paulo, que me paga um percentual em cima dos meus livros. Nós nunca vamos deixar de ter uma, vamos dizer assim, uma igualdade de oportunidade que tire o poder da cultura de massa, porque, pelo menos na minha capacidade de compreender, isso é impossível de existir. Agora é possível você dar às pessoas que se dispõem a oportunidade de querer outras coisas? Acho que é possível. Lá no Fórum da Música Plural Brasileira (*espaço de discussão que Flávio coordenou de 1999 a 2005*), o ponto que nós discutimos era o direito à oportunidade. Qual era a oportunidade? É, se eu faço um trabalho qualquer, eu gostaria de ter a oportunidade de você saber que ele existe e você, que é usuário de música, saber que aquilo existe. O perverso na indústria cultural é porque ela diz, sozinha, o que é que é e o que é que não é. Se nós trabalhamos para aumentar o direito de oportunidade, nós, evidentemente, criamos as condições das pessoas decidirem (*pelo que querem*).

Eu escrevi recentemente um texto sobre a necessidade de criação de uma infraestrutura de nuvem para a cultura. Essas coisas, quando

chegam no Ministério da Cultura, são sempre um desastre, porque eles só sabem fazer a mesmice. Mas por que eu defendo uma infraestrutura de nuvem que seja do Governo Federal? Porque ali nós poderíamos botar toda a cultura brasileira sem ser dentro de uma multinacional como a *Google*, o *Facebook*, essas empresas que faturam bilhões em cima de conteúdos nossos e nós não faturamos com eles. Mas se você colocasse, criasse grandes provedores, uma nuvem, onde tudo tivesse lá dentro e qualquer pesquisa que você quisesse fazer, de qualquer coisa da cultura brasileira, você tivesse acesso, isso seria uma transformação do que acontece na cultura brasileira, inclusive socioeconômica. Agora, para mim, tem um critério. O critério é o seguinte: está lá o acesso e tudo. Agora se você vai ganhar dinheiro com aquilo, você tem de pagar o cara que fez.

**Jéssica Maria** – Flávio, você afirmou antes da entrevista que ainda vivemos em um Brasil com uma mentalidade de colonizado. Qual seria uma alternativa para superar essa situação sem se fechar para as experiências culturais de fora?

**Flávio** – O Brasil é um país aberto e uma das grandes vantagens culturais do Brasil é ser uma sociedade aberta, uma sociedade aberta no sentido de que nós não deixamos de ver uma coisa boa porque ela é de outro lugar. E ainda mais do que isso: nós não deixamos de fazer uma coisa boa porque ela veio de outro lugar. Esse é um segredo da miscigenação, esse é um segredo futurista. Talvez, a coisa mais rica que o Brasil tenha, seja essa nossa capacidade de ser aberto. O que nós precisamos é saber disso. O nosso problema é esse, é que a gente não



Um dos momentos mais empolgantes da entrevista foi quando Flávio lembrou da viagem que fez com uma família de retirantes do sertão cearense rumo à São Paulo para uma reportagem do jornal O Povo. A "aventura" deu origem ao livro *Retirantes na Apartação* (1995).

se percebe com esse valor, a gente não se percebe com essa riqueza. Se a gente não se percebe, fica difícil você se colocar nesse debate, nas trocas internacionais. Se você não sabe o que você tem, fica na mão de uma, duas, três pessoas que comandam e dizem o que o Brasil tem de bom. Esse é o problema... E, quando eu digo se perceber, você diz: "Ah, mas é educação?" Não, cultural! Educação se for a partir da cultura.

**Camila** – Flávio, além dessa questão do modelo central do colonizado, você também tem uma crítica às universidades. Em outro momento, em uma entrevista sua, que a gente teve a oportunidade de ler,

enclave europeu dentro do Brasil, que não conhece nada além das fronteiras de São Paulo. A maior universidade do país é uma universidade burra, que não conhece o país. Você fica a imaginar o que eu estou falando!

O aspecto que eu falo é este: é que a universidade brasileira precisava, na minha maneira de ver, caminhar para entender o Brasil, para poder desenvolver essa potencialidade que é a cultura mestiça real (*Flávio dá ênfase na palavra real*). Não juntar gente diferente – que nem nos Estados Unidos e na África do Sul. Nós somos é misturado mesmo, de verdade. Então, ao invés de copiar projeto financiado pelas universidades

Todos seguiram de Boa Viagem, no interior do Ceará, até a cidade de Picos. De lá foram para São Paulo e depois Diadema. O ponto final da viagem era um local chamado Jardim Canhema. Segundo Flávio, um local profundamente violento.

## “Eu costumo brincar, dizer com meus amigos, que nós que nascemos no sertão guardamos um jagunço dentro da gente.”

para a revista *Informatudo*, em 2005, você fala sobre a criatividade, a inventividade, departamentalização da vida. E eu fiquei especulando se existe, de alguma forma, uma relação entre esses dois pensamentos. Se você acha que existe uma formação deficiente na universidade que acaba reproduzindo esse modelo colonizado, departamentalizado, que limita.

**Flávio** – O problema das universidades é o seguinte... Aliás, nós temos uma coisa boa e uma coisa ruim no Tratado de Tordesilhas (*assinado em 1494 para dividir as terras da América do Sul entre Portugal e Espanha*): são (*as diferenças entre*) as universidades de formação com origem hispânica e as portuguesas. Nós tivemos a sorte da incompetência portuguesa em relação às universidades. A nossa universidade é mais tardia, é mais lenta, ela permitiu ao Brasil construir uma sociedade aberta, que é o Brasil de hoje. Ela não conseguiu ainda acompanhar (*o país*). A universidade brasileira não tem a capacidade de entender o Brasil, de refletir sobre o Brasil. Foram poucos... Um Milton Santos, um Darcy Ribeiro, uma Marilena Chauí, que conseguiram compreender esse negócio, mas são pouquíssimos, né? (*Flávio se refere a Milton Almeida dos Santos, geógrafo que se tornou um dos principais pesquisadores do mundo, 1926-2001. Darcy Ribeiro, um dos principais antropólogos do Brasil, 1922-1997; e Marilena de Souza Chauí, filósofa da Universidade de São Paulo, nascida em 1941 e ainda em atividade*). E o símbolo maior é a Universidade de São Paulo (*USP*). Agora caiu no ranking internacional, mas a maior universidade brasileira é um

americanas, de segregação étnica, religiosa – que o Brasil corre esse perigo hoje por conta de uma visão burra, apoiada pelas universidades, atrás de resolver as coisas por cota, por segregação de gênero... Pode olhar que o Brasil tem o modelo mental intelectual de subordinado que, ao invés de produzir a saída, está produzindo é uma coisa para a ida para o passado, segregacionista. Nós vamos nos dividir religiosamente, politicamente, em gênero, para depois criar uma guerra para poder entender que nós já estávamos lá na frente. Isso é um erro.

**Camila** – Com relação a essa departamentalização que você fala, qual é a reflexão que você faz sobre isso?

**Flávio** – A departamentalização está ligada, vamos dizer, à pouca transdisciplinaridade, que agora já aumentou... Da época dessa entrevista, de 2005 para 2013, eu diria que houve um grande avanço nas trocas entre os departamentos, entre as disciplinas. Hoje, quando a gente fala de educação, você já trabalha com o pessoal da Psicologia, que já trabalha com o pessoal da Fisioterapia. Eu acho que essas trocas tem aumentado bastante e eu sou um defensor disso aí, dessa transdisciplinaridade.

E, na América Hispânica, eles tiveram uma infelicidade maior. Qual infelicidade maior? Como a universidade lá é mais antiga, e chegou com a colônia mesmo, (*a universidade*) limitou o pensamento intelectual da América Hispânica ao pensamento da matriz espanhola. Tem grandes autores, tem grandes pensadores. E eu acho até que alguns deles são pensadores que estão rompendo com essa coisa a partir de um pensamento local. Mas

Flávio conta que, no mesmo dia em que entrou no Jardim Canhema, viu, à noite, pela televisão, que o ator que protagonizou o filme *Pixote*, Fernando Ramos da Silva, havia sido assassinado na comunidade. Ele conta que ainda quis voltar à Diadema, mas já tinha de retornar à Fortaleza.

Ao falar dos pais e da vida em Independência, Flávio se emociona várias vezes durante a entrevista. Para ele, os pais são grande influência.

é muito doloroso, é doloroso porque estão ligados a uma discussão de identidade, que é uma discussão de identidade cerceadora da liberdade do viver. Se você pegar o discurso do México à Argentina, ao Chile, a discussão na universidade é uma discussão, vamos dizer, amarrada, é uma discussão difícil de você sair por conta do processo histórico e cultural que se desenvolveu lá. As universidades da América Latina Hispânica tem essa cabeça ainda de 500 anos atrás, apesar de ter bons pensadores.

**Bárbara** – Flávio, você faz essa crítica ao modelo mental colonizador, presente nas instituições de ensino superior, mas eu gostaria de saber se (você) nunca pensou em integrar o corpo docente de uma universidade, seguir uma carreira acadêmica, para propor mudanças maiores nesse espaço.

**Flávio** – A gente tem de escolher as coisas que a gente quer fazer na vida. A minha dificuldade de aceitar ir para esses espaços é porque eu acho que lá eu vou contribuir menos do que eu contribuo, porque você entra em um lugar onde as coisas estão amarradas.

A universidade eu acho um espaço fantástico, de grandes realizações e eu acho que eu teria como dar uma contribuição. Não sei se como professor, porque eu não tenho cara de professor, eu não me sinto dando uma aula, eu não consigo me ver dando uma aula, porque eu sou muito impaciente para dar uma aula – e dar uma aula eu acho que é uma coisa que tem uma habilidade de compreensão, de como as relações se processam, tão grande que eu não me vejo com essa condição. Agora, dentro da universidade, em uma área de pesquisa, em uma área de desenvolvimento, de ideias, eu até me viria. Eu acho que eu tenho esse perfil de investigar, mas é onde vem o meu temor. Qual o meu temor? É chegar lá e entrar dentro do método, ser, vamos dizer assim, classificado, bloqueado, e o produto final ser o que eu não quero, ser o que eu não queria dizer.

**Joyce** – Mas fazer uma recusa, partindo de uma suposição, não passa também por uma omissão?

**Flávio** – É, eu acho que passa sim. Eu não sei se a palavra é omissão, mas talvez seja dificuldade de compreender que força eu teria. Talvez seja de impotência, talvez seja uma percepção de se sentir impotente diante dessas relações que são tão calcificadas e tão disputadas. Eu tenho dificuldade de disputar coisas onde o poder é mais forte que as ideias. Eu tenho muita dificuldade.

**Camila** – Engraçado porque, no começo, você tinha essa coisa do jornalismo alternativo e acabou entrando no jornal convencional,



mas, em relação à crítica à universidade, você não tem esse desejo de entrar, como você fez no jornalismo.

**Flávio** – Não é que não seja um desejo. E eu acho que, se eu fosse, eu aconteceria como eu sou. Você está colocando como se eu tivesse um desejo. Eu estou respondendo a uma pergunta. Eu não tenho desejo de ser professor, de ir para a universidade. A pergunta foi assim: “Por que você não vai? Já que você acha que a universidade tem isso, por que você não dá uma contribuição?” Essa é a pergunta. Eu estou dizendo que, dentro da teoria dos sistemas, eu talvez fosse muito pequeno dentro da universidade. Aí você diz: “Mas você, chegando lá, você poderia, dentro do que você pode se mexer, fazer”. E eu concordo com você, mas eu não acho que isso seja uma omissão. A vida são circunstâncias. Eu estruturei minha vida de uma forma, onde as possibilidades aconteceram. As escolhas também, mas as escolhas precisam ser construídas ou estarem postas, são processos – e eu gosto da ideia de processos – e não estou dizendo que nunca vou, não. Talvez uma coisa em uma pesquisa. Eu acho legal isso, eu gosto.

**William** – E, para você, o que é que ainda não está pronto, mas já significa algo que pode se tornar?

**Flávio** – Isso teoricamente ou no que eu falo?

**William** – Do que a gente está falando, em relação a essas críticas.

Toinzinho e Socorro, pais de Flávio Paiva, têm três filhos: Paulo, o mais velho, Flávio, filho do meio, e Cynara, a caçula.

**“Na realidade, eu nunca imaginei trabalhar em um jornal convencional. Não me preparei pra isso, não me organizei pra isso.”**

**Flávio** – Dentro dessa ideia de que tudo é processo, eu não tenho um planejamento de onde as coisas vão chegar, ou de onde é que devem chegar. Eu não me organizo assim nem penso assim. Eu prefiro, vamos dizer, conduzir o que está à mão, dentro do que é possível fazer. Então, o que pode chegar eu não sei te dizer. Eu admiro as pessoas que conseguem enxergar isso. Eu não consigo nem me planejo. Não tenho um planejamento... “Ah, eu quero ser tal coisa”. Diziam, na época da faculdade, que eu não ia dar para nada – muita gente dizia isso –, inclusive professor, porque eu fazia muitas coisas. Eu queria fazer música, jornalismo alternativo, trabalhar não sei em quê, mas eu sempre entendi essas buscas das muitas coisas como a busca de meios para coisas que eu acredito. E, nos últimos tempos, elas têm ficado muito claras para mim. Esse universo da infância e da cidadania orgânica são esses lugares, esses campos. Agora, se eu vou fazer isso lançando mão de um recurso, de um *game*... Pronto! Eu vou chutar uma coisa aqui para você: eu sonharia em fazer um *game*, um *videogame* bem legal sobre essas coisas todas. Nós temos nisso um potencial de conteúdo fantástico que daria para fazer grandes *videogames*, mas quem está patrocinando os *videogames* é a indústria de armas e eu não quero fazer para elas. E é muito caro: são milhões para você fazer um *game* com aspiração cinematográfica, como esse GTA (*Grand Theft Auto, jogo em que o protagonista comete crimes na cidade*) e outros que estão aí. Essas coisas são maravilhosas.

Se você me perguntar: “Um sonho?” Eu sonho duas coisas: uma nuvem para a cultura brasileira, que o Ministério da Cultura um dia descubra isso, e a gente pegue esse ferramental todo tecnológico maravilhoso, digital que está aí, e a gente consiga transformar esse conjunto de conteúdos – que muitos de nós até desconhecem que existe – em peças, em cinema para jogar, em coisas maravilhosas, porque nós temos tecnologia para isso e nós continuamos fazendo as mesmas coisas, os mesmos

trabalhozinhos. Isso eu acho que pode ser uma perspectiva, vamos dizer assim.

**Paulo Jefferson** — Flávio, que crítica ou que avaliação você faz em relação ao acesso a bens culturais em uma cidade como Fortaleza?

**Flávio** – Não é bem acesso aos bens culturais. O acesso é o modo de vida, a cultura que produz o modo de vida, que é um bem cultural. Fortaleza tem muitas coisas e poderia ter muito mais. Por exemplo, é a mentalidade estreita que trabalha o turismo com a cultura: prefere ir lá em um bairro e trazer um pessoal de maracatu para se apresentar em um hotel. E faz o coroamento da rainha dentro do hotel e os turistas batem palma, tomando o seu uísque. Ruim para os dois. Ruim para a cultura local, ruim para o turista. Se tivéssemos um local para o maracatu ensaiar (*como no Rio de Janeiro com as escolas de samba*), que poderia ser no bairro Jardim América, na praça...

O modelo mental estabelecido na cultura do Ceará é concentrador, quer trazer tudo para a Praia de Iracema. Todas as ações são para os mesmos lugares e a cidade só pode acontecer como uma cidade cultural se ela for diversificada. Eu dou um exemplo aqui. Acabei de falar, Maranguape podia ter o Festival Luar do Sertão, no Aquiraz podia ter não sei o quê... Porque hoje, gente, a administração das metrópoles precisa ter esse trabalho, do ponto de vista de metrópole. Tem muita gente que discute que você tenha autoridades metropolitanas, que cuidem da cultura. A cultura metropolitana de Fortaleza envolve os municípios vizinhos. Nós podíamos ter isso distribuído. O caso de Fortaleza é este: é uma cultura concentradora. Tem coisas maravilhosas acontecendo e o turista que chega não sabe, porque tem um *trading* turístico montado para levar os caras para o Cumbuco, para Canoa Quebrada, Jericoacoara (*Circuito de praias mais badalado do estado*) e tal. E com quatro dias estão pegando câncer de pele, desesperados... Nós temos um teatro belíssimo, que é o Theatro José de Alencar e eles não sabem que existe. Aí não são (só) eles, são os estudantes (*também*). A minha mulher era professora da Universidade de Fortaleza (Unifor), antes de ir para a UFC, e um dia o Antônio Nóbrega (*artista pernambucano reconhecido pela pesquisa em cultura popular nordestina*) veio fazer um show aqui em Fortaleza e eu disse: “Poxa vida, convida teus alunos”. Ela convidou e aí chegou toda triste (*em casa*). Eu disse: “Que que foi? O pessoal não conhece o Nóbrega?” Ela disse: “Não, o pessoal não sabe onde é que fica o Theatro José de Alencar”. Estou falando de uma universidade grande, importante e os alunos não conhecem o Theatro José

Na pré-entrevista, Flávio contou como a relação com o irmão mais velho se intensificou quando eles moraram juntos em Fortaleza.

Sobre a irmã, Flávio falou, de forma carinhosa, que foi quase a “babá” dela, já que Cynara nasceu quando ele já tinha 11 anos.

Em 2011, Flávio fez um livro em homenagem aos pais. Em *Toinzinho e Socorro* – uma intensa e fervorosa flor ele conta como eles se conheceram no dia em que chegou o primeiro avião no campo de pouso de Independência.

de Alencar. Não dá mais para conversar, está entendendo? Porque não tem o uso da cidade. Não tem a compreensão de onde as coisas acontecem na cidade.

**Raissa** – Quando você fala desse processo de formação da cidadania, na década de 1980 você já pensava isso e participou da fundação do Instituto Equatorial de Cultura Contemporânea. Nesse tempo, foram quase dez anos de experiência, você consegue fazer uma análise do que ficou de consequências dos projetos que o Instituto Equatorial desenvolvia?

**Flávio** – O objetivo do Instituto Equatorial era a democratização da informação. Era um objetivo simples e claro. É meio difícil de medir o que ficou. Por exemplo, quando houve a chacina do Carandiru (*episódio em que 111 detentos foram assassinados pela polícia militar na Casa de Detenção do Carandiru, em São Paulo, em 1992*), os jornais aqui não davam, davam uma linhazinha aqui e acolá. Mas em vários lugares (*do país*) outros jornais deram. Então, a gente ia na Praça do Ferreira, conseguíamos uns painéis enormes e pregávamos as matérias de jornais lá, para quem passasse ler. E ficava assim de gente lendo aquilo (*Flávio indica que eram muitas pessoas*), vendo aquelas fotos e sem acreditar que aquilo estava acontecendo. Inclusive, muita gente chegava e perguntava: “Vocês não têm medo da polícia vir e bater em vocês e botar vocês para fora?” Eu disse: “Meu amigo, está tudo publicado. Nós não estamos inventando nada. Está tudo nas páginas dos jornais”. Esse era o tipo de ação que se fazia no Instituto Equatorial.

O outro tipo era você ir atrás das gavetas das universidades, dos órgãos dos governos, onde tinham informações preciosas que a sociedade não sabia e a gente reunia e produzia documentos. Outro documento que era difícil de compreender também naquele momento era a Guerra do Golfo (1990). A

Guerra do Golfo chegou como todas essas outras, né? A democratização da informação era tentar fazer emergir essas coisas que estão guardadas por aquelas pessoas que acham que têm a informação, têm o poder – e é verdade, têm o poder. Então, o Equatorial tentava apenas fazer isso, a função era só esta, era tornar públicas as coisas que eram guardadas, ou por questões políticas, ou por questões dessas de você segurar o poder da informação para usar na minha tese de mestrado, no meu doutorado, para ninguém ver antes, essa era a função.

Andamos o Ceará todo discutindo, com o apoio das universidades. Fizemos coisas maravilhosas, muitos seminários, debates e tudo isso. Eu acho que essas coisas ficaram dentro das pessoas. Ficaram dentro de mim muitas dessas coisas. Eu sou muito agradecido de ter participado desse tipo de projeto.

**Joyce** – Flávio, você é membro da Sociedade de Observadores de Saci (*Sosaci*), que preza pela valorização dos mitos brasileiros, e há a Festa do Saci, que é comemorada no dia 31 de outubro, em contraposição ao *Halloween*. Essa questão me causa um pouco de estranheza. Eu queria entender por que para a gente afirmar a nossa cultura, isso tenha que ser feito de uma forma em contraposição ao modelo estrangeiro.

**Flávio** – Boa pergunta. É o seguinte: na realidade a Festa do Saci não é só no dia 31. A ideia da Festa do Saci é que possa acontecer na semana do meio ambiente, porque ele é o mito originalmente ecológico, porque ele é uma criação tupi-guarani, que depois agregou elementos da cultura negra e depois dos imigrantes – no sentido de liberdade, que vem no gorriño vermelho. Tem uma Festa do Saci no Dia da Consciência Negra (*20 de novembro*). A Festa do Saci cabe dentro desses espaços todos.

O dia 31 (*de outubro*) foi uma ideia do



A presença da família de Flávio em suas produções é marcante. Boa parte dos livros e das músicas feitas por ele conta com a participação dos filhos Artur e Lucas.



jornalista Mouzar Benedito, que é da Sosaci, e o Mouzar é o saci, na verdade, é um cara cheio das “nove horas”, como se diz. Ele gosta de inventar coisas, faz coisas muito interessantes. É um jornalista das antigas, que tem toda uma história ligada à cultura brasileira, à política brasileira. É um cara que eu admiro e de que eu gosto bastante. O Ministério Público de São Paulo, 2007 ou 2008, fez uma pesquisa e mais de 50% das escolas públicas de São Paulo faziam festa de *Halloween*. Então, como todo bom guerrilheiro, o Mouzar inventou essa coisa da Festa do Saci no dia 31 (*de outubro*) como uma ação de guerrilha contra essa invasão do *Halloween*, no sentido que o *Halloween* representa a cultura da massificação e da homogeneização. A festa de *Halloween* aqui em Fortaleza, em Xangai, em Nova Iorque, em Independência ou em Pereiro (*Município cearense*) é do mesmo jeito, com as mesmas músicas, com as mesmas máscaras, com tudo igual. É um processo de desqualificação do ser, de tirar a individualidade das pessoas.

Quando o Mouzar Benedito sugeriu na Sosaci fazer o dia 31 de outubro um dia de confronto, um dia de guerrilha ao *Halloween*, foi para usar o elemento mítico mais nacional, mais conhecido no Brasil, o mais forte que a gente conhece, para combater – isso é um combate, é uma guerra –, uma guerra grande e nós precisávamos de um figura grande, robusta e consistente como o Saci Pererê. Então, o Saci está fazendo uma guerra contra o consumismo, contra a mesmice, contra a massificação, contra a homogeneização. Nós começamos a desenvolver a ideia da Festa do Saci não como uma festa para ser massificada, mas uma festa para ser popularizada, porque existe uma diferença. Quando eu popularizo a Festa do Saci, eu permito que cada comunidade,

que cada pessoa que queira fazer uma festa do saci faça a seu jeito, com as condições que ela tem. Eu estava em uma reunião com professoras, educadoras de brinquedotecas do interior, com várias delas que queriam fazer a festa do saci, e eu falei o seguinte: “Uma coisa importante na Festa do Saci é que não é uma festa de pedir. Um dos contrapontos ao *Halloween* é este: você não vai pedir, você vai levar para a festa a coisa que você mais gosta.”. Uma pessoa levantou e disse: “Mas, Flávio, na comunidade em que eu trabalho, tem criança que não tem nada para levar”. (*Flávio para um instante, chorando*). Eu disse: “Nada?”. (A pessoa respondeu): “Tem não, tem pessoas tão pobres que não dá para levar nem um saco de pipoca”. Eu disse: “Esse cara tem uma avó para contar uma história?” *Tá certo? (Flávio se emociona novamente)*. É, cara, porque é uma ignorância, a coisa de que você só sabe dar e só pode dar o que é material. O sentido da Festa do Saci é o sentido de que as crianças não são convidadas por serem carentes, elas são convidadas pelo potencial de ajudar a construir a festa. É uma revolução cultural.

O dia 31 é, por acaso, uma área de guerrilha, mas a Festa do Saci pode ser feita nesses outros momentos em que se discute cultura brasileira, literatura infantil. Tudo pode ter Festa do Saci... E tem! Se você der uma pesquisada, tem gente que faz Festa do Saci em várias épocas do ano. Nós estamos concentrados no dia 31 porque a intenção é ir para a batalha mesmo, é uma guerra.

**Paulo Jefferson** – Para encerrar, na pré-entrevista que nós fizemos, você disse que a cultura é resultado de uma relação que começa com a economia ditando a política, que, por sua vez, dita a educação, que é quem formata os cidadãos e a própria cultura. E disse que esse é o grande problema da sociedade hoje. Você afirmou que era preciso inverter essa ordem. Eu queria saber como é que você acha que a cultura poderia influenciar as outras áreas e de que forma isso poderia ser viável.

**Flávio** – É, esse negócio não tem uma fórmula... É meio complicado, porque, na realidade, essa inversão de que as coisas precisam nascer da cultura, e a cultura produzir a educação, e a educação fazer a política, e a política é que escolhe a economia, é um processo totalmente inverso ao que nós vivemos.

Aqui eu vou recorrer aos psicanalistas junguianos e lacanianos – que trabalham a realidade dentro de um tripé. O objeto físico, o imaginário e o simbólico. Eu acho que, se a gente, no nosso trabalho do dia a dia, onde a gente está, começasse a perceber que a importância da realidade no plano de vista

Flávio Paiva afirma que participa pouco de debates de televisão, apesar de receber vários convites. Ele diz ficar muito decepcionado, depois de assistir a suas participações, justamente pela expressão do próprio lado “jagunço”.

Embora seja de Independência, Flávio diz gostar de viver em Fortaleza, mas lamenta a forma como a história e a essência cultural da cidade são desperdiçadas.

Quando o sino da Catedral de Fortaleza badalou as 17 horas do dia 31, Flávio já costurava a última resposta da entrevista.

simbólico, no plano de vista do imaginário, precisa da importância que a gente dá ao concreto, nós começamos a fazer essa transformação. Isso não é um método, é um sentimento, é uma forma de olhar, é uma forma de se colocar no mundo. Se você se coloca no mundo considerando essas dimensões, automaticamente, você vai transformando...

Por isso um dos meus eixos é a infância, porque eu acho que muitas crianças ainda têm a coisa muito forte do uso do simbólico e do imaginário, que está dentro daquela coisa da linguagem do brincar. Então, enxergar um pouco mais isso, considerar um pouco mais isso, eu acho que é uma forma de fazer essa transformação, de fazer que, ao invés, de nos limitarmos a conquistas, que são as conquistas oferecidas, viver de uma forma mais orgânica. Entra o cidadão orgânico, onde o futuro das coisas lhe interessa porque interessa ao seu amigo, interessa ao planeta. Essa compreensão do que realmente interessa é que é o campo da cidadania orgânica. Não é só o que interessa ao meu partido, à minha faculdade, à empresa em que eu trabalho. Essas coisas são interesses estanques e são verdades mutantes. Quando a gente vai vivendo, a gente vai vivendo e convivendo, vivendo e convivendo e a gente vai descobrindo que determinadas verdades passam a não fazer sentido quando a gente tem outras luzes. Eu acredito nisso, porque acredito na cultura e acredito que o ser humano – que atravessou essa história maravilhosa, que é a história da humanidade – tem todas as condições de reverter esse processo de destruição do planeta e de destruição das relações entre os outros.

Depois que Flávio saiu, os entrevistadores comentaram com a produção o quão intenso é o abraço do entrevistado.

